

**Resenha** do livro:

*A utopia da comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca.*

BURGOS, Marcelo (Org.). Rio de Janeiro: PUC Rio: Loyola, 2002. 249pp.

“Numa vasta extensão/ Onde não há plantação/ Nem ninguém morando lá/ Cada um pobre que passa por ali/ Só pensa em construir seu lar (...) É aí que o lugar / Então passa a se chamar/ Favela”

Padeirinho da Mangueira

Segundo um estudo recente publicado pelo Instituto Pereira Passos, as favelas de Jacarepaguá crescem 7,5% ao ano e as da Barra da Tijuca ainda mais rapidamente: 10% ao ano. Nesse ritmo, a maioria da população de Jacarepaguá residirá em favelas daqui a 20 anos. Localizada nesta região, a 4ª. maior favela do Rio de Janeiro, com cerca de 40 mil habitantes, Rio das Pedras foi alvo de uma pesquisa exemplar agora publicada em livro. É o resultado do trabalho de uma equipe composta por 3 professores e 22 alunos do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio, que inicialmente se lançou a um levantamento estatístico, posteriormente complementado por entrevistas e trabalho de campo.

Com uma população maior do que mais da metade dos municípios brasileiros, Rio das Pedras apresenta uma dinâmica extremamente interessante. Em primeiro lugar, pela história da sua ocupação, a qual, longe de se dar de forma contínua e linear, resultou de um processo variado. A permanência do núcleo inicial de Rio das Pedras foi garantida graças à pressão sobre o governador Negrão de Lima, mas o crescimento posterior deu-se ora por invasão de terrenos, ora por doação do poder público. Daí surgiram seis ou sete sub-áreas que entre si apresentam diferenças significativas em termos de padrão de ocupação espacial, *status*, grau de escolaridade e situação econômica dos moradores. Este leque vai desde o Pantanal, “a favela da favela” exposta a enchentes, afundamento do solo, cobras e ratazanas, até a área mais antiga onde está concentrado o rico comércio da localidade e cujos moradores desfrutam de maior capital social.

Os nove artigos que compõem o livro fazem um retrato aprofundado e amplo de Rio das Pedras. Além de dados acerca do crescimento da favela e da sua estrutura espacial, há estudos sobre a situação do ensino pré-escolar, sobre o comércio e até sobre a construção de uma oposição entre nordestinos e cariocas – enaltecendo uma pretensa superioridade ética dos migrantes – nas escolas públicas da região. E há também uma preciosa fotoetnografia de Rio das Pedras, permitindo ao leitor visualizar muitas das questões levantadas.

Mas o que torna este livro uma obra indispensável é a questão do controle social existente em Rio das Pedras, uma favela **não** dominada por quadrilhas de traficantes e cuja “tranquilidade” é vista como a principal qualidade por boa parte dos moradores. Acontece que esta “paz” deve-se à atuação da toda-poderosa Associação de Moradores de Rio das Pedras. A entidade é o verdadeiro centro político da favela, organizando atividades esportivas, profissionalizantes e até

mesmo de apoio às famílias mais necessitadas, sobretudo das áreas mais pobres de Rio das Pedras. Segundo uma história contada localmente, tudo teria começado na década de 70, quando um paraibano “de sangue no olho”, depois de tomar um tiro durante um assalto, teria formado com mais dois amigos um grupo para reprimir e exterminar os “vagabundos” do local, formando aquilo que é popularmente chamado de “polícia mineira” ou “grupo de extermínio”. Pode-se supor que atualmente esta “função” tenha sido herdada pela associação de moradores, pois, como ensina um morador (denotando aceitação da prática) “só quem faz besteira, some”. Embora os autores do livro abordem o assunto com cautela – devemos lembrar que a entrada e a segurança dos pesquisadores foram garantidas pelas lideranças comunitárias – fica bastante claro o papel coercitivo desempenhado pela associação. Ela acaba por se constituir em instância máxima de resolução de conflitos, fiscalizando obras, arbitrando direitos à herança e até brigas de casais; sem falar na atuação moralizadora, como quando do fechamento de um prostíbulo existente na comunidade. Um tema implícito, embora não explorado, é a relação entre os membros da associação de moradores e o poder público, acabando por legitimar o controle autoritário e violento exercido sobre a população de Rio das Pedras. Lembremos que o presidente da associação chegou a ser nomeado administrador regional pelo prefeito do município do Rio de Janeiro.

O mais dramático de tudo isso é a naturalização desta atuação violenta, que não é vista como tal por boa parcela dos moradores, cuja primeira preocupação é a preservação da vida e não da liberdade e da autonomia. *A Utopia da Comunidade* é um livro indispensável para todos aqueles que queiram entender não somente a favela, mas sim a própria cidade em que vivem.

Marcos Alvito  
Prof. Depto. História da UFF  
Autor de *As Cores de Acari*  
Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 2003